

PAIXÃO E FÉ, IDENTIDADE E MEMÓRIA

O lugar dos festejos religiosos e populares no imaginário poético-musical do Clube da Esquina

Raabe Andrade

raabeandrade.produtores@gmail.com

Resumo:

Este artigo investiga de que modo as festas religiosas e populares de Minas Gerais atravessam a construção da *mineiridade* no imaginário poético-musical do Clube da Esquina. Partindo da compreensão do imaginário como categoria fundante da realidade, o texto tem como objetivo investigar o lugar dos festejos e a própria relação entre memória, religiosidade e narrativa na formação estética e simbólica do movimento. A pesquisa aborda os conceitos de imaginário, memória coletiva e identidade, e lança mão de depoimentos inéditos de Márcio Borges, Murilo Antunes, Nelson Angelo, Nivaldo Ornelas, Toninho Horta e Wagner Tiso. Nessas narrativas memorialísticas, emergem lembranças da marujada, da folia de reis, dos congados e dos bois-de-janeiro, festejos que vêm como espaços de transmissão de saberes estéticos, religiosos e culturais. O artigo propõe uma leitura dessas memórias como testemunhos de um processo histórico e como matéria constitutiva da criação musical dos compositores, evidenciando o papel das sonoridades dos rituais e das práticas festivas na formação musical dos membros do Clube da Esquina. Ao situar essas experiências no contexto histórico da religiosidade mineira, marcada pela confluência entre o catolicismo popular e religiões de matrizes africanas, o texto busca compreender como a festa opera como lugar privilegiado de produção de pertencimento, atualização da memória coletiva e elaboração da narrativa da *mineiridade* no discurso e na canção do Clube da Esquina.

Palavras-chave: Clube da Esquina; mineiridade; imaginário; festejos; memória coletiva.

PASSION AND FAITH, IDENTITY AND MEMORY

The place of religious and popular festivities in the poetic-musical imagination of Clube da Esquina.

Abstract:

This article investigates how the religious and popular festivals of Minas Gerais permeate the construction of "mineiridade" in the poetic-musical imagination of Clube da Esquina. Starting from an understanding of the imaginary as a foundational category of reality, the text aims to investigate the place of festivities and the very relationship between memory, religiosity, and narrative in the aesthetic and symbolic formation of the movement. The research addresses the concepts of imaginary, collective memory, and identity, and makes use of unpublished testimonies from Márcio Borges, Murilo Antunes, Nelson Angelo, Nivaldo Ornelas, Toninho Horta, and Wagner Tiso. In these memorial narratives, memories of the marujada, the folia de reis, the congados, and the bois-de-janeiro emerge—festivities that serve as spaces for the transmission of aesthetic, religious, and cultural knowledge. This article proposes a reading of these memories as testimonies of a historical process and as constitutive material for the musical creation of the composers, highlighting the role of the sounds of rituals and festive practices in the musical formation of the members of Clube da Esquina. By situating these experiences within the historical context of Minas Gerais' religiosity, marked by the confluence between popular Catholicism and religions of African origin, the text seeks to understand how the festival operates as a privileged space for the production of belonging, the updating of collective memory, and the elaboration of the narrative of Minas Gerais identity in the discourse and songs of Clube da Esquina.

Keywords: Clube da Esquina; mineiridade; imagery; festivities; collective memory

Introdução

Surgido na década de 1970, em Belo Horizonte, o Clube da Esquina é hoje considerado um dos mais importantes movimentos musicais e culturais do Brasil contemporâneo. Em suas obras, podemos identificar – não só nas letras das canções, mas também em suas melodias, harmonias e instrumentações – elementos indicados por determinados autores como aqueles que caracterizam o povo mineiro. Tendo em vista que a religiosidade dos mineiros e seu apego à tradição são alguns dos elementos que mais se destacam nesse conjunto de características, e que os ritos e as celebrações nos fornecem um rico campo de investigação e conhecimento sobre uma identidade, uma vez que transmitem “saberes estéticos, filosóficos, religiosos, dentre outros, além de procedimentos e técnicas moldados por uma determinada estrutura simbólica e discursiva” (BRETTAS; FROTA; 2012, p. 34), neste artigo, iremos tratar especialmente da religiosidade cantada, contada, vivida e praticada pelo Clube da Esquina. Em entrevistas inéditas, Márcio Borges, Murilo Antunes, Nelson Angelo, Nivaldo Ornelas, Toninho Horta e Wagner Tiso, acessaram memórias individuais e coletivas dos festejos religiosos e populares mineiros que acabaram por compor o imaginário que se tem em torno da *mineiridade* e que no Clube da Esquina se revela no discurso e na canção.

Gilmar Rocha (2016) entende o imaginário como um sistema cultural e busca destacar as categorias e ideias principais que o compõem. Embora o imaginário tenha sofrido grande desvalorização ao longo da história, sendo associado à ilusão, à fantasia, ao simbólico, Rocha afirma que a partir da segunda metade do século XX ele deixa de ser visto como epifenômeno da realidade tornando-se uma categoria fundante. Para melhor ilustrar a força que o imaginário adquire, o autor evoca o trabalho de Benedict Anderson (1989) sobre a constituição das nações modernas como “comunidades políticas imaginadas”, revelando o quanto os imaginários são, inclusive, fontes instituintes das identidades nacionais.

A partir do cotidiano observado de memorialistas mineiros, Maria A. do Nascimento Arruda em *Mitologia da mineiridade (1990)* aponta para uma “mineirice” relativa às características e costumes das gentes daquela região, buscando desvelar como se dá a formação da identidade em relação ao espaço vivido e construído, levando à noção de *mineiridade*. Nessa linha de passe, a autora relaciona a memória com a história das Minas Gerais indicando haver uma mitificação dessa *mineiridade*, algo que gira em torno de um imaginário do que é ser mineiro, que chega ao ponto de exceder limites regionais difundindo-se a nível nacional. Dessa forma, ela busca por nexos entre a formação da *mineiridade* e o modo como a mesma é imaginada. É o que nos sugere, por exemplo, Alceu Amoroso de

Lima, um dos primeiros intelectuais a contribuir para a construção desse imaginário identitário. Em meados dos anos de 1940, em *Voz de Minas – Ensaio de sociologia regional brasileira* (1945), apresenta aquilo que seria o “tríplice papel” - ou a missão - de Minas Gerais: o de compensação, de equilíbrio e de moderação. Não demorou para que o elemento religioso fosse incorporado, devido à sua coerência com os outros três.

A *mineiridade* no Clube da Esquina passa por uma reflexão a respeito da memória, da identidade e da narrativa. Os depoimentos apresentados neste trabalho me deram as bases para pensar no lugar dos festejos religiosos e populares sobre a *mineiridade* (ou o imaginário que se tem dela) e sua influência sobre a música do Clube da Esquina, na medida em que tais depoimentos se afiguram como testemunhos de um momento histórico, de um processo, atestando assim a relevância epistemológica da memória. A história que verão a seguir foi gestada a partir das narrativas dos meninos Márcio, Murilo, Nelson, Nivaldo, Toninho e Wagner - repletas de causos, lendas, histórias, estórias e canções.

Entre memórias e identidade, mineiridade

Pierre Bourdieu, em *O poder simbólico* (1989), nos ajuda a pensar a ideia de identidade partindo do conceito de região. Segundo o sociólogo, região é um ato régio de alguém que, por estar em uma posição de poder, de autoridade, delimita, define, institui seu início e seu fim, inaugurando assim uma separação. Por essa razão, o conceito de região também pode ser visto como qualquer possibilidade de se fechar, de definir, uma identidade.

[...] acto mágico, quer dizer, propriamente social, de *diacrisis* que introduz por decreto uma descontinuidade decisória na continuidade natural (não só entre as regiões do espaço mas também entre as idades, os sexos, etc.). *Regere fines*, o acto que consiste em traçar as fronteiras em linhas retas, em separar o interior do exterior, o reino do sagrado do reino do profano, o território nacional do território estrangeiro, é um acto *religioso* realizado pela personagem investida da mais alta autoridade, o *rex*, encarregado de *regere sacra*, de fixar as regras que trazem à existência aquilo por elas prescrito, de falar com autoridade, de pré-dizer no sentido de chamar ao ser, por um dizer executório, o que se diz, de fazer sobrevir o provir enunciado. (BOURDIEU, 1989, p. 113)

Nas relações sociais, as identidades são estabelecidas por meio de sistemas classificatórios, que aplicam um princípio de diferença a um determinado grupo.

As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo sociais e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos. Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos

princípios de di-visão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo. (BOURDIEU, 1989, p. 113)

Portanto, se todo sistema de classificação é um ato régio, toda identidade é um sentido instituído que presume uma exclusão – nós e eles.

Paul Ricoeur (2012) aponta para o fato de que é o conjunto de narrativas que nos permite chegar à identidade. Nesta perspectiva, não há como separar os gêneros narrativos da vida real e da ficção. Seguindo essa mesma linha, Arruda vai em busca do mito da *mineiridade* no “horizonte da literatura”, numa viagem em que percorre desde o universo de Drummond até o sertão *roseano*. Michael Pollak (1992), por sua vez, defende o trabalho de história oral, que pode ser também história de vida, como um instrumento privilegiado para se abrir novos caminhos de pesquisa, mesmo que esse método tenha sido criticado por aqueles que acreditam que as narrativas – diferentemente das fontes escritas – são capazes de produzir apenas representações, e não reconstituições, do real.

O conjunto de características que compõem o imaginário da *mineiridade* é resultado de uma série de fatores, inclusive culturais e históricos, e uma das características que mais a destaca frente à nação é essa suposta religiosidade do povo mineiro. O Clube da Esquina não cessa de produzir narrativas carregadas de memórias que trazem o sentido de pertencimento e que reforçam esse imaginário.

Maurice Halbwachs, em meados do século XX, revoluciona o pensamento de sua época ao propor o conceito de *memória coletiva*, aquela que é firmada pelo grupo com o qual se convive e do qual extraímos nossas lembranças, podendo, portanto, ser herdada. Para ele, a memória está intimamente ligada à nossa convivência enquanto sujeitos sociais, à nossa imersão naquilo que chamou de comunidades de afeto, os grupos que coletivamente nos instauram. Em conversas registradas entre os anos de 2020 e 2023, as memórias dos festejos religiosos e populares do interior de Minas, sobretudo entre os anos de 1950 e 1970, emergiam enquanto os meninos do Clube buscavam recordar seus primeiros contatos com a música, os sons que marcaram suas infâncias e sua relação com o território. Uma leitura desses depoimentos nos permite observar, em suas histórias de vida, o quanto tais festividades, além agirem sobre seu imaginário - na medida em que traduzem um modo de existência cultural -, enriquecem seus repertórios musicais ao apresentar novas cores e novas sonoridades.

As narrativas memorialísticas e autobiográficas, numa aproximação com perspectivas sociológicas, antropológicas e filosóficas, além de abrirem espaço para a troca de experiências entre diferentes gerações, quando somadas à análise das obras musicais (que são também uma espécie de narrativa), nos permitem um estudo de caso em torno das construções narrativas da memória e da identidade, e uma nova interpretação do discurso da *mineiridade* a partir do ponto de vista de quem fala de si, de sua própria cultura, tendo assim grande relevância para o entendimento do lugar das festas da cultura mineira, em especial.

Antes, uma breve incursão pela história nos vale, ao imaginário das festas e da religiosidade da Minas colonial até chegarmos ao Clube da Esquina.

Paixão e fé em Minas Gerais

A religião católica foi levada para Minas pelos portugueses. Os tropeiros, que saíam do litoral paulista, levavam em seus baús oratórios com seus santos de devoção. “Surgindo uma aglomeração humana, em curto período de tempo, cantava-se um cruzeiro em um monte próximo, como a se evocar para o povo, as bênçãos e a proteção divina.” (MASCARENHAS, 2015, p. 1¹). Os primeiros oratórios foram erguidos ali à sombra desses cruzeiros e logo depois foram substituídos pelas primeiras capelas. Com o crescente povoamento e chegada da máquina administrativa portuguesa, a Sociedade Colonial foi se organizando.

Aquele santo de devoção particular se tornou um motivo para rezas em conjunto em alguma casa.

Logo se construíram oratórios públicos. Em Ouro Preto ainda se preservam alguns, o mais famoso ali está na esquina da Rua dos Paulistas no bairro de Antônio Dias.

Viajantes estrangeiros que visitaram as minas e a cidade de Ouro Preto, nos sec. XVIII e XIX, como Antonil, Mawe, Auguste Saint-Hilaire, Luccock, Walsh, Gardner, Castelnau, Millet de Saint-Adolphe, Burton; deixaram registrado em seus diários, hábitos comuns dos moradores, como se reunirem cotidianamente defronte a estes oratórios por volta das dezoito horas para as rezas do terço e canto das ladainhas.

Bem, essa devoção pública acabava por reunir algumas famílias... daí surgem as primeiras irmandades ou confrarias. (MASCARENHAS, 2015, *online*)

Enquanto a elite, brancos e ricos, se dividiam entre as Ordens Terceiras do Carmo e São Francisco, e a poderosa Irmandade do Santíssimo Sacramento, os negros tinham seu lugar na Irmandade do Rosário, e os pardos, nas Confrarias das Mercês, de São Miguel e Almas, de São José e outros. No Curral Del Rey, território que foi quase completamente demolido para

¹ Online: <https://santanafm.com.br/a-religiosidade-das-minas-gerais/>

ceder espaço à construção de Belo Horizonte, era possível ouvir as serenatas, as festas e as bandas de música. Entre seu calendário festivo estavam as festas do Divino, de Santa Efigênia, do Reinado do Rosário, da Semana Santa e da Padroeira. Ali, como em toda a Capitania das Minas, tanto as manifestações festivas quanto as práticas católicas, de funerais às procissões cheias de alegorias, eram acompanhadas por corais e orquestras. Alfredo Camarate, em uma de suas crônicas, descreve com detalhes o ambiente que encontrou ao visitar o Arraial de Curral del Rey²:

Em todas as solenidades religiosas que tenho assistido, sempre houve cantoria. Todos os motetes são executados a três vozes, por um grupo de fiéis, que fica junto ao sacerdote, e repetidos, quase sempre também a três vozes pelo povo. Entre o primeiro grupo há uma voz de senhora, potente, vibrante, muito afinada; mas também com todos os vícios de emissão, aliás, muito naturais de quem nunca cultivou a arte do canto e que de mais a mais nas repetidas festa desta igreja dá, em voz, tudo quanto tem e mesmo mais do que era lícito exigir-lhes. (...) As outras partes conjugam afinadas com a primeira e, como a música fosse escrita por bom e sábio mestre antiquíssimo, e de quem nem sempre a tradição fornece o menor dado, há intervalos difíceis, mas que os cantores atacam com elogiável firmeza. Entre os coros do primeiro grupo, há uma voz de baixo clara e que, em certos trechos, mantém um pedal de grande beleza. O povo responde sempre ao primeiro coro, com igual afinação e sobretudo com o imponente efeito das grandes massas corais. Entre os fiéis, há um meio-soprano-contralto, com uma voz muito bem timbrada, arredondada nos centros e sempre muito igual em todos os registros. Está, talvez, perdida, naquela coletividade de cantores, uma prima dona de primeira ordem. Entre os homens que cantavam no coro da igreja, ouvi também um barítono e dois baixos cantantes muito aproveitáveis. (CAMARATE apud BARRETO, 1995, p.56)

As duas Irmandades existentes naquele arraial, a do Santíssimo Sacramento e a do Rosário, eram responsáveis pela organização de festas. Os musicólogos Francisco Curt Lange (1979) e Maurício Monteiro (2008), em suas pesquisas sobre a musicalidade em Minas Gerais, apontam que as corporações musicais vinculadas a essas irmandades religiosas eram compostas por um grande número de músicos, sendo, no século XVIII, responsáveis pela maior produção musical religiosa e popular da capital colonial. Francisco Martins Dias, em *Traços Históricos e Descritivos de Bello Horizonte* (1897), comenta que havia no arraial “banda de música quase todo o dia, missa cantada e, no dia seguinte uma extensão profana da festa com cavalhadas, danças e um certo batuque” (DIAS, 1987, p.57).

No início do Império, as práticas celebratórias das irmandades do Rosário (dos homens pretos) começaram a ser banidas pelas autoridades por serem consideradas profanas e disruptivas da ordem pública. Na contramão disso, Minas adotou leis municipais que autorizavam a continuidade das coroações no dia da festa do Rosário, e então estas festas se multiplicaram e as irmandades continuaram a ser criadas por toda província. Mas com a proclamação da República e a separação Estado e Igreja, um ideário de progresso foi se

² Revista do Arquivo Público Mineiro – Por Montes e Vales. (III), 1894

popularizando e as festas tradicionais mineiras ficaram sob ataque da Igreja e da classe intelectual do país.

Entretanto, a comunidade que participou das festas já tinha suportado a escravidão e a exploração na assimétrica ordem social brasileira e sempre encontrara caminhos para resistir. Sua devoção a Nossa Senhora do Rosário e os modos de expressar essa devoção derivavam de um catolicismo africano, entendido como parte fundamental do que a comunidade definia como sua identidade.

Seguindo a onda de mudanças ideológicas, depois dos anos de 1950, os congadeiros estavam aptos a recomeçar suas festas, já então divorciadas da Igreja e transformadas, ao menos para fora das comunidades congadeiras, em entretenimento. (KIDDY, 2001, p. 4)

Identidade na narrativa: memórias de fé e de festas

Diante da dificuldade de se definir o tempo e sua relação com a identidade, a narrativa vem como uma saída, pois “a temporalidade não se deixa dizer no discurso direto de uma fenomenologia, mas requer a mediação do discurso indireto da narração” (RICOEUR, 2012, p. 411). Portanto, a narrativa dos fatos temporais constitui nossa identidade na medida em que supera a problemática da permanência no tempo.

Murilo Antunes relembra sua primeira mudança, de Pedra Azul para Montes Claros, ainda menino, quando passou a ter contato com outras manifestações e festejos populares, principalmente com as festas de Nossa Senhora do Rosário, e conta do dia em que conheceu e se apaixonou pela *Marujada*, uma dança folclórica cujo canto representa a vitória dos cristãos sobre os invasores mouros, na Península Ibérica, no fim da Idade Média:

Eu fui pra Montes Claros, eu tinha 7 anos. E em Montes Claros eu tô lá um dia... A gente mudou pra estudar nos colégios melhores. Chegamos em Montes Claros, eu tô na casa da minha avó - morava lá. E esse circuito era muito normal, você sair do Jequitinhonha e ir pro norte de Minas. Eu estava um dia... Poucos dias depois que eu tinha chegado, a gente chegou lá perto das festas de agosto, festas da Nossa Senhora do Rosário. E aí o meu pai me pediu pra comprar um cigarro pra ele e eu fui num boteco lá perto. E aí, quando eu tô pedindo isso aí, do meu lado chegou um sujeito alto, esguio, negro, com uns espelhos na cabeça, com as fitas coloridas, todo vestido de branco. E eu olhei aquilo, fiquei curioso - “que legal isso, e tal”. E o cara saiu dali, eu acompanhei ele. Eu já tinha comprado o cigarro pro meu pai. Eu fui atrás dele. Falei “que que é isso aqui?”. Aí, próximo da casa da minha avó tinha uma igrejazinha do Rosário. E aí, na hora que ele chega lá, tinha uma quantidade de pessoas vestidas do mesmo jeito e mais uns menininhos vestidos de índio, os caboclinhos, e aquela quantidade de gente fardada, né? O maior barato. E eles foram, começaram a cantar e tal. E eu demorei lá com o cigarro do meu pai - azar dele. E foi a minha apresentação à marujada. Aí que eu conheci a marujada e eu fiquei apaixonado. A marujada era nossa escola de samba, que ela vinha na avenida assim, umas 300 pessoas, 400 pessoas, vestidas assim, dançando em blocos, e violão, e viola, e coisas lindas. E elas contavam a história da Nau Catarineta. Então é uma história bem conhecida na cultura popular. (entrevista realizada no dia 19/05/2023)

Aí, assim, o enigma pra mim até hoje: é uma história marítima, toda passada no mar, que é a história dos negros escravizados que vieram de África pro Brasil. Então a história se passa nessa viagem, que aí eles fazem a rebelião e chegam no Brasil. Eles

tinham tomado o navio. Então eles conquistaram o navio. É uma história muito linda e toda versificada. E essa história é muito atraente. Então isso me deixou enlouquecido. O enigma que eu falo é isso: como que lá no miolo do sertão mineiro é desenvolvida essa história, uma história do mar? Ou seja, os escravos trouxeram... O Brasil foi o último país a “desescravizar”. Mesmo assim, a gente ainda vê um preconceito absurdo até hoje. E essa história, esse som, não sai da cabeça da gente, que é muito puro, é muito genuíno, né? Então isso aí foi o, os sons primeiros, assim, que eu fui me apaixonando e me aprofundando mais. (entrevista realizada no dia 19/05/2023)

Trata-se de uma comemoração da vitória do catolicismo sobre os mulçumanos, uma representação dos marinheiros perdidos no mar, enfrentando suas batalhas. Murilo também se lembra do *Boi-de-Janeiro*, outra festa popular tradicional que acontece há décadas na cidade de Pedra Azul, onde nasceu, e que faz parte das festividades de Santo-Reis. O Boi-de-Janeiro é um dos festejos mais expressivos da região: o boi percorre as ruas da cidade acompanhado pelos reiseiros, que fazem o ritmo para que o boi saia ‘sambando’.

Em Pedra Azul tinha essas músicas do Boi-de-Janeiro - que chama lá. Então são grupos - hoje ainda tem, mas menos do que antes. Era um boi, todo paramentado, né. E vai uma pessoa dentro. E fora, tocando, vai sempre uma viola e as flautinhas de pífanos. Basicamente é esse o som. E é muito alegre e muito rápido também. Sabe? Os compassos muito acelerados, “pra poder pro boi dançar”. E isso é uma coisa muito bacana. Como o nome fala, era em janeiro, né? Era do Natal até o dia de reis. Né? Sempre saía. Isso eu tenho na memória. (entrevista realizada no dia 19/05/2023)

Wagner Tiso se diverte lembrando do reisado, de vê-los passando de janela em janela com sua bandeira, e do quanto achava bonita aquela tradição. Ele também se recordou do show que fez no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, ao lado de Bituca, em comemoração aos seus 60 anos, em que fez questão de levar a congada do tzumba, que é o Rei do Congo em Minas Gerais.

Eu via muito isso aí mesmo, o Reisado, eu via muito. Eles passavam na janela pedindo ajuda, pedindo não sei que, com a bandeira. Até fiz uma música que chama *Joga na Bandeira*. Eles passavam com a bandeira, paravam nas janelas e pediam: “joga na bandeira” - um brinde, uma coisa. E eu achava muito bonito aquilo, aquelas pessoas todas tocando. Inclusive o tzumba, que é o rei do Congo lá de Minas Gerais, quando eu fiz 60 anos eu fiz um concerto com sinfônica no Theatro Municipal do Rio - que eu levei Caubi, Gal, levei o próprio Bituca, levei um monte de gente -, e levei a congada do tzumba. Eu lembro daqueles meninos, daqueles pretinhos, assim, olhando pro teto, eles não conseguiam nem tocar de motivação, né, olhando pro teto. E foram pro palco, fizeram o show lá com a gente, três ou quatro músicas. Isso ficou marcado pra mim. (entrevista realizada no dia 10/08/2023)

Calix Bento, canção popular adaptada por Tavinho Moura e lançada por Milton Nascimento no álbum *Geraes* (1976), traz uma religiosidade que sai da igreja e ganha as ruas:

CALIX BENTO

Adaptação de Tavinho Moura

Ó Deus salve o oratório
ó Deus salve o oratório
onde Deus fez a morada
oiá, meu Deus, onde Deus fez a morada, oiá
Onde mora o calix bento
onde mora o calix bento
e a hóstia consagrada
oiá, meu Deus, e a hóstia consagrada, oiá
De Jessé nasceu a vara
de Jessé nasceu a vara
da vara nasceu a flor
oiá, meu Deus, da vara nasceu a flor, oiá
E da flor nasceu Maria
e da flor nasceu Maria
de Maria o Salvador
oiá, meu Deus, de Maria o Salvador, oiá

Apesar de a Folia de Reis ser um festejo de origem ibérica, ligado às celebrações do culto católico do Natal, no Brasil acabou agregando elementos de outras culturas, principalmente da cultura afro-brasileira. Nela, cada grupo é formado por músicos tocando instrumentos de confecção artesanal, como tambores, reco-reco, flauta e rabeça, além dos instrumentos mais tradicionais, como a viola caipira e o acordeon - em *Geraes* (19761-, executados por Nelson Angelo e Dominginhos, respectivamente. A percussão ganha destaque e seu ritmo foi ganhando, ao longo do tempo, contornos de origem africana. A intenção de Tavinho Moura de manter a linguagem popular mesmo adaptando um cântico da Folia de Reis se expressa logo no título: *Calix Bento*, e não *Cálice Bento*, seu título original. *Paixão e Fé*, música de Fernando Brant e Tavinho Moura, evoca o clima dos preparativos das procissões da Semana Santa em Minas Gerais, com seus tapetes de serragem e intensa participação popular:

PAIXÃO E FÉ

Tavinho Moura e Fernando Brant

Já bate o sino, bate na catedral
E o som penetra todos os portais
A igreja está chamando seus fiéis
Para rezar por seu senhor
Para cantar a ressurreição
E sai o povo pelas ruas a cobrir
De areia e flores as pedras do chão
Nas varandas vejo as moças e os lençóis
Enquanto passa a procissão

Louvando as coisas da fé
Velejar, velejei
No mar do Senhor
Lá eu vi a fé e a paixão
Lá eu vi a agonia da barca dos homens
Já bate o sino, bate no coração
E o povo põe de lado a sua dor
Pelas ruas capistanas de toda cor
Esquece a sua paixão
Para viver a do Senhor

Nivaldo Ornelas, criado no bairro Nova Suíça, em Belo Horizonte, fala, em sua entrevista, sobre as festas regadas à música que vivenciou em sua infância:

Bom, num tempo em que a televisão não tomava conta, né, existiam muitos saraus, né? 19h, assim, sempre acontecia alguma coisa e a minha casa era assim direto porque meus pais eram músicos amadores, eles tinham um grupo de seresta que chamava *Revendando o Passado*. Interessante, né? Era uma festa. Nesse tempo, minha mãe era costureira, ela colocava na rádio nacional do Rio de Janeiro, então era música o dia inteiro. Ouvia de tudo. A infância nossa foi muito rica porque acontecia muita coisa. A vida não era dentro, a vida era fora. Hoje é tudo dentro. Nesse tempo, a gente ficava na rua e... A folia de reis, os congados, a música religiosa, a música infantil, né? (entrevista realizada no dia 09/05/2023)

Fernando Brant afirma que a “espinha dorsal” da música mineira é justamente essa fusão das tradições católicas e os elementos herdados da cultura africana:

A mistura de tradições católicas com elementos místicos africanos encontrou aqui, nesta farofa de cores e semblantes que somos, o lugar ideal para se materializar. A riqueza da música mineira vem daí; é do beber nessas tradições que está o principal veio da nossa musicalidade. (BRANT, 2007, p.134).

Considerações Finais

Neste artigo, as narrativas dos integrantes do Clube da Esquina foram tomadas como objeto literário³ para que assim eu pudesse realizar uma cartografia afetiva, com o intuito de localizar e explorar as festas religiosas e populares no imaginário poético-musical do Clube da Esquina, percebendo assim as Minas Gerais presentes em suas vozes. Essas narrativas, feitas de flashes de memória, flagrantes das falas dos mineiros, também nos permitem entender os territórios e as identidades, deixa de ser lida apenas como fonte de informação histórica e cultural, passando a ser vista como fonte de perspectiva para o entendimento de parte bastante significativa da cultura popular brasileira.

³ Na esteira de Guimarães Rosa, podemos compreender que a literatura nunca é literal uma vez que ela nunca é palavra por palavra, exata, rigorosa, mas sim polissêmica. A literatura é o excesso e é nesse sentido que, tanto as obras quanto as narrativas dos integrantes Clube da Esquina, neste trabalho são tomadas como objeto literário.

No início do texto, busquei apresentar alguns conceitos que são chave para nossa reflexão. Maria Arruda levanta o conceito de *mineiridade* e busca investigar sua formação e o modo como é imaginada, uma vez que esse imaginário difundiu-se a nível nacional. Com isso, a autora conclui que são os mitos que dão as bases para a construção das identidades culturais.

Tipicamente uma construção intelectual, a mineiridade preserva três dimensões essenciais: mítica, ideológica e imaginária. O mito, ritualisticamente trabalhado, abriu espaço para a codificação. Desponta, aqui, a mineiridade revigorada pela seiva que percorre o cerne do pensamento mítico, permitindo-lhe alçar-se às alturas das grandes edificações. (ARRUDA, 1990, p. 257)

Vimos em Gilmar Rocha (2016) que o imaginário, mais que apenas simbólico, fantasia, é categoria fundante da realidade. Quer dizer, o imaginário é capaz de constituir uma realidade antes mesmo que ela seja vivenciada. O autor, que em *A imaginação e a Cultura* (2016) lança seu olhar para o imaginário que se tem em torno do circo no Brasil, evoca Paul Ricoeur quando diz que o circo “dá o que pensar”. Aqui podemos dizer que a *mineiridade* dá o que pensar, já que o imaginário é também fonte instituinte das identidades nacionais.

Em suma, podemos dizer, então, que o imaginário social é um conjunto de símbolos, representações e imagens por meio das quais a sociedade se pensa, se reproduz, se classifica, portanto, institui uma ordem social, confere sentido às experiências humanas, promove relativa coerência entre as palavras e as coisas, distribuindo os papéis e as identidades dos indivíduos e/ou grupos sociais, legitimando as crenças e os saberes populares, ao mesmo tempo em que expressa suas necessidades, seus conflitos, suas utopias e mitos. Enfim, é onde a sociedade acolhe as emoções, os desejos, os medos, e se percebe, instituindo padrões de sensibilidade e de visualidades. É onde o imaginário e a paisagem se encontram. Produto social e histórico de uma coletividade, o imaginário é um sistema complexo de símbolos, valores, imagens, representações e pensamentos fundamentais à existência da sociedade e à significação da realidade. (ROCHA, 2016, p. 184 - 185)

Pierre Bourdieu vai pensar a identidade partindo do conceito de região, como uma delimitação antes de tudo simbólica, mesmo quando manifestada fisicamente. É um ato performativo – pois performa, cria o mundo – que, embora arbitrário e totalmente aleatório, institui a realidade. Os critérios objetivos de uma identidade regional ou étnica, conforme apontados por Bourdieu, são objeto de *representações mentais* – atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e reconhecimento – e de *representações objectais* – em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em estratégias que têm por objetivo determinar a representação mental que os outros podem ter de tais propriedades e de seus portadores (1989, p. 112). Ou seja, há um conjunto de representações que formam um imaginário, que, por sua vez, constitui uma identidade que existe para além do campo simbólico, mas que é introjetada e se manifesta fisicamente.

Vários autores buscaram precisar quais seriam as principais características da gente mineira, mas foi a partir do ensaio *Voz de Minas – Ensaio de sociologia regional brasileira* (1945), de Alceu Amoroso de Lima, que aos mineiros foi atribuída uma ideia de equilíbrio, de compensação e de moderação, como uma espécie de missão em que a religiosidade logo foi incorporada formando assim boa parte do imaginário que existe em torno da *mineiridade*.

Gilberto Freyre criou o termo *mineiridade* quando discorreu sobre o papel político dos mineiros em sua conferência *Ordem, Liberdade, Mineiridade*. Argumentando com a existência de polarizações e, ao sugerir que elas fossem superadas por novas formas de atuação política, evoca como modelo a história de Minas Gerais. Segundo ele, através da *mineiridade* seria possível transgredir esses antagonismos, apontando assim uma conotação de equilíbrio, talvez a mais frequente no imaginário em torno de Minas Gerais. Essa e outras características que acabaram por sustentar uma visão essencialista da identidade mineira podem ser justificadas por uma série de fatores históricos, políticos, econômicos e até geográficos, portanto as percepções em torno da *mineiridade* também variaram ao longo do tempo.

Em uma incursão pelas Minas desde o período colonial, vimos que a religião católica, com seus santos e rituais, foi levada a Minas pelos portugueses, que foram levantando seus oratórios e suas capelas, organizando assim a Sociedade Colonial. Isso nos leva a pensar na organização da sociedade da época, como um todo, mas, em especial, na presença africana no povoamento de Minas Gerais. Se até o século XVII a economia açucareira era a atividade predominante na colônia, mais especificamente no Norte, no século XVIII o eixo econômico é deslocado para o Sul devido à busca e à exploração das minas de ouro e pedras preciosas. A capital brasileira é transferida de Salvador para o Rio de Janeiro, que se torna o principal centro de comercialização de escravos do país, e Minas Gerais passa a ser o grande consumidor desse mercado. “As estimativas mais modestas calculam que durante o século XVIII entraram no Rio de Janeiro e aí foram vendidos mais de 800.000 africanos, dos quais a maioria foi encaminhada para Minas” (Coaracy, 1950). Com isso, os negros africanos foram presença marcante no processo de desbravamento e povoamento do território mineiro, chegando a ser apontados por Aires da Mata Machado Filho (1950) como os primeiros moradores das terras mineiras. De acordo com Sônia Queiroz (2018), até o século XIX, a população mineira era predominantemente negra⁴. Ivan Vilela (2010, p. 21-22), lançando mão

⁴ Sônia Queiroz (2018) apresenta dados que demonstram a quantidade expressiva da população negra na capitania das Minas Gerais: “em 1776, numa população total de 319.769 habitantes, 249.105 – 77,90% – eram negros ou mestiços de negros; nos anos de 1786 a 1805, os escravos constituíam 47,94% e 46,38% da população, donde se pode inferir que os indivíduos de cor continuavam sendo maioria, pois, por essa época, muitos deles já eram alforriados; em 1821, há 383.061 negros e mestiços de negros, num total de 514.108 habitantes, o que

do trabalho de Roberto Moura em *Tia Ciata e a pequena África do Rio de Janeiro*, apresenta as diferenças entre os negros escravizados que foram para a Bahia e os que foram para Minas:

Segundo ele, os negros que foram para a Bahia era, na maior parte das vezes, de etnia ioruba, normalmente negros islamizados, alfabetizados e muito organizados em suas lutas. Mantiveram seus traços de origem de maneira mais intacta que os nagôs, etnia que predominou em Minas Gerais. Estes, para sobreviverem, mesclaram seus traços à cultura dominante, ao catolicismo. Suas religiões foram amalgamadas a elementos do catolicismo popular para assim preservarem a sua essência.

O congado, por exemplo, se instituiu como uma manifestação cristã e africana, de origem banto, por meio do qual é exercida a devoção a santos católicos (Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora das Mercês), porém com rituais de estilo africano. O reisado trazia características do congado, no entanto “a dança dos marujos foi apropriada pelos negros, para suas festas em honra a Senhora do Rosário, passando a assumir sentidos e significados vinculados a essa prática” (GAETA, 2013, p. 18). Mesmo que depois de um tempo algumas dessas manifestações tenham se divorciado da igreja, elas mantiveram-se como festividade popular tradicional. Nos depoimentos dos integrantes do Clube da Esquina, vimos como esses festejos estão presentes em suas memórias e como atravessam suas identidades na medida em que fazem parte do imaginário comum de Minas Gerais, da vida no interior, e da *mineiridade*.

Murilo Antunes narra seu encontro com a marujada, fala das festas de Nossa Senhora do Rosário, tradicionais no norte de Minas, região onde o poeta cresceu. O poeta também se recorda dos Bois-de-janeiro, que marcam os seis primeiros dias do ano em Pedra Azul, sua terra natal, com muita festa, cultura e tradição, saindo pelas ruas em homenagem a Santo Reis. Wagner Tiso traz à lembrança o reisado que via de sua janela no sul de Minas, e também o congado, bastante presente na região. Nivaldo Ornelas fala das festas, da folia de reis, dos congados, que davam cor e ritmo aos seus tempos de menino na Nova Suíça, em Belo Horizonte, em contraposição ao silêncio imposto pelos conventos. Essas narrativas mostram como as sonoridades presentes nessas festas operam na organização de uma memória coletiva que reforça pertencimentos culturais, reafirma tradições e modos de re-existir.

Todas as festividades tinham a música como elemento central guiando seus cortejos, procissões e encenações. Mas se por um lado as corporações musicais vinculadas às irmandades religiosas católicas, responsáveis pela organização das festas, no século XVIII foi

equivale a 74,51% da população; mas em 1872, passados aproximadamente vinte anos da extinção do tráfico, os escravos se reduzem a 16,99% da população de Minas. Entretanto, se o número de escravos vai-se reduzindo de modo assim tão significativo, até que a lei de 13 de maio de 1888 extingue o regime escravocrata de todo o território brasileiro, os negros e seus descendentes continuam constituindo um alto percentual da população mineira. Assim é que no primeiro recenseamento demográfico da República, realizado em 1890, eles são ainda 53,32% dos habitantes de Minas Gerais” (QUEIROZ, 2018, p.26).

também responsável pela maior produção musical religiosa e popular da capital colonial, por outro, os principais festejos religiosos e populares de Minas Gerais apresentam um ritmo e uma sonoridade muito mais próxima da música africana⁵, como vimos anteriormente. Não à toa, essas expressões sonoro-musicais dos festejos mineiros são tão evocadas na música do Clube da Esquina: elas tiveram importante papel na organização da sociedade, em Minas, e, conseqüentemente, na formação musical de seus integrantes, por isso compõem seu imaginário poético-musical. Isso fica claro quando Antunes fala do seu encontro com a marujada, ou do boi-de-janeiro e das festas do Rosário, quando perguntado sobre os primeiros sons guardados em sua memória, quando começou seu encanto pela música, por exemplo. Ou quando Tiso lembra que na comemoração dos seus 60 anos, em um concerto no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, ele leva para o acompanhar a congada do tzumba, que é o rei do Congo em Minas Gerais. A música do Clube da Esquina, em geral, traz uma África que, diferentemente de toda expressão da musicalidade negra na MPB, não vem pela via do samba, da Bahia, do Rio de Janeiro⁶. “É a África dos congados e moçambiques, catopés e marujadas, caiapós, candombes e vilões” (VILELA, 2010, p.22). Temos adaptações de canções populares, arranjos formados por elementos que compõem as sonoridades das festas. As letras mexem com nosso imaginário a tal ponto que constituírem uma realidade, não importando de onde vem esse imaginário, se é inventado, se é real, já que ele ressoa até os dias de hoje.

O Clube da Esquina é esse resultado de múltiplas vozes e experiências que costuram a *mineiridade* e suas narrativas indicam o modo como ela é imaginada e, sobretudo, como esse imaginário se materializa nas festas como práticas artísticas que incidem e se dobram sobre os territórios, distinguindo-os, fortalecendo-os, extremando-os em seus próprios potenciais.

Referências

ARRUDA, Maria Armanda do Nascimento. **Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, p. 213-240, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A identidade e a representação**. In: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Bertrand, 1989, p. 107-132.

BRANT, Fernando. **Música e Mineiridade**. In: Cadernos de história. Belo Horizonte: vol. 9, no 11, 1o sem. 2007.

⁵ Alguns dos instrumentos mais utilizados são as gaitas, sanfona, pandeiro, triângulo, caixa e bumbo.

⁶ Um exemplo dessa outra África presente no Clube da Esquina é a música *Cravo e Canela*, de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos: trata-se de uma pulsação balanceada em compasso ternário que, embora seja comumente chamada de samba em três, nada mais é do que a rítmica do congado e do moçambique mineiro que se apresentam em forma ternária ou em pulso binário composto.

BRETTAS, Aline Pinheiro. FROTA, Maria G. da Cunha. **O registro do Congado como instrumento de preservação do patrimônio mineiro: novas possibilidades.** Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 1, p. 29 - 47, 2012. Disponível em: <http://200.156.20.26/index.php/ppgpmus/article/view/138/176>

CANTON, Ciro A. P. **Sou do mundo, sou Minas Gerais: Milton Nascimento, o Clube da Esquina e a mineiridade.** Anais do Congresso da Anppom, vol. 14.

COARACY, Vivaldo. **Escravos para as Minas Gerais.** In: CARNEIRO, Edison. Antologia do negro brasileiro. Porto Alegre/ São Paulo: Globo, p.99-100, 1950.

DIAS, Francisco Martins. 1897. **Traços históricos e descritivos de Bello Horizonte.** Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro.

GAETA, Filipe G. B. Murta, 2013. **O panorama atual da marujada de Conceição do Mato Dentro/MG: uma análise da interferência de agentes externos sobre sua cultura musical tradicional.** 2013. Dissertação (Mestrado em Música e Cultura) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/acc49de6-ff3a-4a27-a496-64a4348ce9ea>

KIDDY, Elisabeth W. **Progresso e religiosidade: Irmandades do Rosário em Minas Gerais, 1889-1960.** Revista Tempo, Niterói, vol. 12, p. 93-112, 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=167018164005>

LIMA, Alceu Amoroso. **Voz de Minas: ensaio de sociologia regional.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ, Sônia. **Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga** [online]. 2nd ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa – Tomo III.** Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus Editora, 1997.

ROCHA, Gilmar. **A imaginação e a cultura.** Teoria e Cultura. Juiz de Fora, v. 11 n. 2, jul/dez. 2016.

_____, Gilmar. **De volta ao picadeiro: lembranças do circo de antigamente.** Teoria & Sociedade, Belo Horizonte, n. 25.1, p. 23-48, 2017.

ROSA, João Guimarães. **Aí está Minas: a mineiridade.** Revista O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1957.

_____. **Clube da Esquina: um movimento cultural.** Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e da Comunicação/UFS, São Cristóvão, vol XIII, n 1, Ene, abril/2011.

VILELA, Ivan. **Nada ficou como antes.** Revista USP, São Paulo, n.87, p. 14-27, 2010.

Raabe Andrade é bacharel em Produção Cultural (RAE/UFF) e mestre em Cultura e Territorialidades (IACS/UFF). Foi bolsista do PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de

Iniciação Científica), entre 2017 e 2018, com o projeto "O Corpo em Perspectiva - da antropometria à virada ontológica". É integrante do Grupo de Pesquisa "Artesanias - Corpos, Paisagens e Culturas Populares" (CNPq/UFF). Atua profissionalmente como produtora executiva, com atuação mais constante na indústria audiovisual, sendo sócia da empresa produtora Rio Verde Filmes e Produções Artísticas. Autora do livro “Ladeiras da Memória: paisagens do Clube da Esquina” (2025) e diretora do filme documentário homônimo, que será lançado em 2026. Dedicase ao campo de estudos da música popular brasileira e do cinema, com interface nas áreas da Teoria Antropológica; Corpo, Performances, Memória, Paisagens, Narrativas e Identidades.